

Gros prevê negociação difícil com pequenos bancos dos EUA

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, está aparentemente preparado para enfrentar dificuldades com os pequenos bancos dos EUA, na rolagem das linhas de crédito de curto prazo. No telex que enviou esta semana ao Comitê de Bancos, em Nova Iorque, Gros advertiu: se eles renunciarem às suas posições dentro das linhas globais de US\$ 15 bilhões, não ficarão isentos de qualquer direito e obrigação para com o Brasil.

Na sexta-feira, Gros disse que diversos bancos menores "não deveriam nem ter emprestado dinheiro, porque não sabem onde fica o Brasil e não têm informações adequadas para fazer julgamento sobre a conveniência ou

não de dar crédito ao país". Desde 1984, o Banco Central tem registrado baixas de pequenos bancos na participação de linhas comerciais e interbancárias, na rolagem anual desses créditos, que giram em torno de US\$ 15 bilhões. Os pequenos bancos, na década de 70 e início de 80, participaram de empréstimos sindicalizados ao Brasil. Nessas operações, os grandes bancos entram com uma quantia maior e buscam a adesão dos pequenos. Entre os de grande porte que lideraram os "sindicatos" estão o Citibank, o Lloyds Bank, o Morgan, Bank of America, Bank of Tokio e outros. As instituições líderes nos empréstimos sindicalizados integram hoje o comitê de assessoramento da renego-

gociação da dívida do Brasil.

Se um banco pequeno se retirar do "sindicato", o banco líder daquele grupo se compromete a cobrir a sua parte. Na renovação das linhas de curto prazo, em 1986, o Mellon Bank, da Pensylvania (EUA) se negou a participar. O Banco Central, em represália, mandou o Mellon fechar seu escritório de representação no país.

No dia 8 próximo, o presidente do Banco Central e o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, vão participar da assembleia anual do FMI e Banco Mundial, em Washington, quando voltarão a contatar os banqueiros, iniciando os entendimentos para a renegociação da dívida externa do país.